

A magistratura federal estava representada pelos srs. drs. Gama Cerqueira, juiz seccional, Sizinio do Valle e Albino Alves Filho, juiz substituto e procurador seccionaes.

— Dirigiu a romaria a digna directoria do club «Floriano Peixoto», composta dos srs. dr. Prado Lopes, major Augusto Sales, Jefferson Mourão e Joaquim Penido.



A LUCTA COLONIAL

PELA

INDEPENDENCIA^(*)

Sr. presidente, exms. senhoras, cidadãos. — Agradeço-vos cheio de vivo reconhecimento, as demonstrações de sympathia com que saudaes a minha presença nesta tribuna. Mais que uma deferencia generosa para com o orador, ellas significam eloquentemente um voto prévio de assentimento patriótico e de merecido louvor aos illustres republicanos iniciadores desta commemoração cívica, os quaes emprehenderam provar que a data da proclamação da Republica não é uma simples ephemeride, mas indica a solução definitiva e irrettractavel do problema politico de nossa Patria. E nem é a primeira vez que o fazem esses sinceros patriotas, que compõem o «Club Floriano Peixoto», em cujo seio, como no antigo sanctuario latino, arde, guardado com zelo e vigilancia pela vestal da Republica, a crença pura da liberdade.

Um dos mais bellos traços que apresenta a historia da humanidade, dizia o nosso Alencar, é o culto respeitoso que vctam os grandes povos aos grandes dias de sua patria.

A cidade antiga, berço de toda a civilização do occidente, havia em seus mais fundos alicerces cimentado com suas crenças primitivas, esse culto dos grandes dias, chronologia de pedra que perpetuava em unidade ininterrupta o lar, o município, a nação.

Symbolo de feitos heroicos e de acontecimentos notaveis, uma simples data evocava todo um passado, e nesse passado um exemplo, um estímulo e uma lição.

(*) Discurso proferido por Augusto de Lima na sessão magna do «Club Floriano Peixoto», de Belo Horizonte, em 15 de novembro de 1901.

E assim era effectivamente o dia 21 de abril para os romanos, data entre todas festiva, por ser a da fundação da *Urbs*.

As nações modernas, em sua avidez de progresso e aperfeiçoamento, si têm desaprendido mais de uma lição da sabedoria antiga e desse solido bom senso, cuja maior força repousava na tradição, vão mantendo contudo esse ritual, remanescente de crença que tem podido atravessar todas as vicissitudes do espirito humano.

O acontecimento que hoje se commemora é ainda recente, pequeno é o periodo decorrido delle até hoje, momento fugaz no intermino evolar do tempo, instante imperceptivel na vida de uma nação.

Mas essa data traduz uma aspiração nacional, como elo de uma cadeia de datas anteriores, exprimindo a ascenção do espirito popular para a realização dos seus destinos superiores.

Colônia, vice-reino, reino, imperio independente, Republica livre e soberana, — tal o signo do nosso zodiaco politico.

Si elle representa a formula verdadeira e exacta do direito publico, si o ultimo termo dessa progressão é realmente o marco final e legitimo, o ponto de parada e repouso dessa longa odysséa da liberdade, occorre perguntar:

Porque tantas decepções e desenganos, tanto sangue de irmãos derramado, tanto pulso crispado contra as alturas, tanta ameaça aos céos desta Patria, em cujo limpido azul, em cuja riqueza sideral, como num vasto escritorio de joias immortaes, fomos buscar o emblema radioso do Cruzeiro para constellar a nossa bandeira? Exerceram um direito os que proclamaram a Republica? Cumpriu seu dever o povo accetando essa proclamação?

Eis o que se trata, em syntheses geraes, de demonstrar na presente sessão.

Já uma vez o disse e hoje repito: Daodoro, o herós deste dia, representa Tiradentes promovido a marechal por antiguidade de um seculo e merecimento do martyrio.

Muito mais recuado, entretanto, é o sonho da liberdade nacional. Nas epochas mais remotas da nossa historia, em que insignificante era o numero dos colonos, contrastando com a area immensa da terra de Cabral, dir-se-hia que a natureza, por um privilegio singular concedido ao sólo americano, fazia palpitar nelle um coração virgem ardendo pelo noivado que lhe annunciava dos céos o grande Cruzeiro do sul. Esse anhelos de civilização, não o pode polluir e turvar a ambição mesquinha dos primeiros colonos, nem o sangue dos aborigenes derramado por aquelles nas aras da execranda fome de riquezas, nem os crimes abominaveis praticados em nome do direito das gentes, civilizando por eliminação.

Corramos os olhos sobre esse passado, embrião e infancia de nossa Patria.

Passára o anno glorioso de 1500. Estava rasgada para sempre nos mares a larga estrada entre Lisboa e S. Salvador, por onde velejavam as frotas lusitanas.

Emmudecera ha muito o ultimo suspiro das preces com que frei Henrique solemnizára a descoberta de Cabral, e no alto do monte Paschoal, solitaria agora, avultada pela perspectiva da emigração, entre a terra e os céos, abria amplamente os seus braços fraternizadores uma cruz, que recebia nas aragens do mar as saudações da velha Europa e no vento terral as fortes emanações balsamicas das florestas virgens, digno insensorio para a nacionalização do Evangelho no Novo Mundo.

Mas nem sempre foi á sombra dessa cruz que se exerceu a actividade dos colonos: esta circumstancia determinou os primeiros attritos da lucta pela nacionalidade. Em 1534 traçou D. João III o seu plano de colonização, dividindo o Brasil em 12 capitánias hereditarias, mixto de feudalismo e despotismo. Escravização de indios, monopolio no commercio, asylo e homisio a criminosos, privilegios para os donatarios, servidão da gleba para os trabalhadores, eis o que foram essas doze capitánias. Tambem a sua organização não durou muito. A oppressão gerou a reacção e alguns dos donatarios tiveram de abandonar-as. A concurrencia estrangeira veio providencialmente animar a reacção local, prenuncio do espirito de independencia.

D. João III, dizem os historiadores daquelle tempo, dentro em pouco reconheceu os inconvenientes do seu systema de colonização, pois que a grande extensão das capitánias era a causa de não poderem os donatarios se socorrer contra os ataques dos selvagens e contra as aggressões dos piratas francezes, e resolveu crear um governo unico, a quem ficassem todos os outros sujeitos para evitar tambem *conflictos entre os donatarios*.

Não foi esteril a primeira agitação contra a tyrannia colonial dos donatarios. Com Thomé de Souza, (1549 a 1553), levantaram-se os primeiros campanarios da vida municipal. As villas de S. André, Santos e Itanhaen são as antepassadas dos nossos actuaes municipios livres. A administração ecclesiastica emancipara-se com a criação do bispado da Bahia, á cuja testa foi sagrado D. Pero Fernandes Sardinha, martyr mais tarde do canibalismo dos selvagens.

Não cessaram, porém, as agitações. No governo de Duarte da Costa, successor de Thomé de Souza, revoltaram-se as colonias da Bahia, do Espirito Santo e de Pernambuco e os francezes installaram-se no Rio de Janeiro.

No governo de Mem de Sá dá se a renhida peleja com a gente de Villegaignon; e a este acontecimento se deve a fundação da grande cidade, imposta pela necessidade de futura defesa. E assim o gover-

no colonial, pela força das circunstancias, ia todos os dias, mau grado seu, lançando os fundamentos, accendendo os lares da futura patria brasileira.

Bahia, Pernambuco, Rio de Janeiro, e outras povoações do littoral já eram estancias confortaveis de uma civilização nascente. Fernão Cardim, chronista do tempo, descreve com admiração, a prosperidade, o bem estar e até o luxo que reinavam principalmente em Pernambuco, onde os senhores viannenses levavam vida patricia e regalada.

Não é, porém, meu intuito tecer uma chronologia, e por isso passo em silencio todas as datas que não se relacionam intimamente com este ligeiro retrospecto commemorativo da formação da nossa patria.

O Brasil havia sido dividido em dois governos e depois unificado. Portugal cahira no dominio da Hespanha. Deram-se as invasões hollandezas, durante as quaes a civilização dos Paizes Baixos beneficiou a colonia latina, com a sabia administração de Mauricio de Naussau. Restaurara-se a dynastia de Bragança com a aclamação de D. João IV; ferira-se a batalha das taboas, coroada pela victoria dos bravos pernambucanos que, abandonados pela metropole esmorecida, chamavam a si os riscos da defesa da patria; consummara-se a victoria em Guararapes, apertara-se o sitio de Recife, e por fim o heroico brasileiro André Vidal de Negreiros fechou com sua espada o cyclo do dominio hollandez no Brasil.

A *Companhia das Indias Occidentaes*, que havia feito do Brasil um mercado hebraico para suas ambições, teve no patriotismo brasileiro a sua expiação. Pernambuco preparava o scenario para a emancipação politica do paiz, graças á revellia em que a casa de Bragança deixara a colonia durante o periodo mais apertado do dominio hollandez.

Colhamos em resumo os resultados deste periodo: na parte social, a approximação do escravo ao senhor pela necessidade da defesa commum; na parte geographica, o conhecimento de extensas zonas do norte, devassadas pelas expedições e marchas militares; na parte commercial, a vulgarização no estrangeiro dos nossos productos agricolas e a facilidade do seu consummo; na parte militar, os fortes Brum, Cinco Pontas, Buraco, Itamaracá, Remedios e outros hoje em ruinas; na parte industrial, o aperfeiçoamento dos engenhos de assucar; nas letras, artes e sciencias, basta assignalar os celebres pintores Francisco Post e A. Eckout, o architecto Pier Pater, o letrado Francisco Plante, o botanico Maregrav, o medico Willem Prio, o cosmographo Ruiters e outros home ns notaveis que o conde de Nassau trouxera para o Brasil.

Assim collaborou a nação flange no engrandecimento da nossa patria.

Volvamos algumas paginas da chronica e vamos encontrar mais uma conquista da colonia á metropole na conspiração Beckman, que obrigou o governo do Maranhão a capitular deante da exigencia do povo e abrir mão dos odiosos privilegios do *Estanco*.

Beckman, porém, o apostolo do povo, pagou com sua vida o heroismo deste beneficio, sendo entregue aos algozes por seu infame afilhado e protegido Lazaro de Mello, herdeiro de judas e antecessor de Joaquim Silverio dos Reis.

Tem-se negado a Beckman um papel politico na reacção contra o governo colonial do Maranhão, attribuindo-se-lhe simplesmente um intuito utilitario subalterno, qual o de obter do governo da metropole medidas liberaes que substituíssem os actos vexatorios e prejudiciaes da administração local.

Não conheço, porém, em toda a historia revolução alguma politica, que não se associasse algum interesse material, cujo choque é sempre a força dinamica para a explosão popular. Nem sempre precede ás mudanças politicas um programma. Na historia dos povos o que se nota é uma série de aspirações, conspirações e tentativas, que progressivamente vão dando força ás conquistas da democracia.

As proprias revoluções estão sujeitas á lei da evolução. Examinae a historia de todas as civilizações, e nella encontrareis, mais ou menos, a marcha do destino romano.

Enés e os seus colonizaram o Lacio: — A plebe romana gemia no captiveiro politico — um pronunciamento, tendo por causa interesses materiaes, abriu-lhe as portas do tribunato; o tribunato deu-lhe a força para pedir uma lei, e as Doze Taboas lhe são outorgadas; as Doze Taboas lhes despertam a curiosidade dos mysterios do direito pontificio, e rasga-se á jurisprudencia o horizonte popular; sente a necessidade de um lar estavel, protegido pela lei, pede a communhão dos deuses á fidalguia romana e funde-se o sangue plebeu com o sangue patricio; tem accesso á censura, sobe a *imperator* das legiões; penetra nos templos e veste a toga de pontifice; entra no Campo de Marte e faz a lei nos comicios.

Assignalamos, pois, aqui, como uma das datas mais brilhantes do martyrologio nacional o dia 2 de novembro de 1685, em que foi executado Thomaz Beckman juntamente com seu heroico companheiro Jorge de Sampaio. E deixemos Lazaro de Mello, o novo Iscariotes dependurado no patibulo, em que o seu proprio remorso converteu o engenho de sua fazenda.

Mas o incendio da liberdade americana já por esse tempo inflammava a cyclopica multidão dos Palmares, perto de Porto Calvo.

Onze mil negros haviam ali se concentrado, dispostos a resgatar a sua liberdade com o preço da propria vida. Como foi essa lucta, o tempo que durou e o heroismo dessa raça ardente no amor da liber-

dade, todos vós o sabeis. O seu extraordinário chefe depois de desesperar da victoria, vendo imminente a sua submissão, reuniu os seus principais auxiliares, e com elles arrojou-se do alto de uma montanha, deixando aos seus vencedores no relampago da sua queda, um aviso presage, e aos opprimidos do trabalho colonial um grande exemplo.

Era isto em 1687.

Alguns annos depois, irrompia em Pernambuco, já animado de espirito nacional, a guerra dos *invasões*, cujos episodios conheceis.

Em Minas desenrolava-se a tragedia dos emboabas, que tingiu de sangue as aguas do rio das Mortas.

A primeira destas memoraveis jornadas teve logar a 10 de novembro de 1719 e foi organizada e heroicamente empreendida por Bernardo Vieira de Mello, que pagou nas carceres do Limociro de Lisboa o seu sonho patriótico de constituir no Brasil uma Republica à maneira da de Veneza.

Da jornada dos emboabas havia sido heroe o paulista Domingos da Silva Monteiro, que foi em 1708 subjugado pelo ambicioso bandeirante Manoel Nunes Visnua.

Todos esses acontecimentos que ahí ficam alludidos cedem em importancia aos que se vão desenrolar.

O sonho da liberdade, bafojado pelas auras do Atlantico, ascendera ao planalto central da colonia.

O sentimento reaccionario contra as medidas vexatorias do despotismo, ganhara em intensidade, reconcentrando-se nos profundos valles da nascente Villa Rica, onde echoaram os brados de Morro Vermelho, Sabará e Castê contra o imposto de batêa, ante os quaes tivera de capitular o governador D. Braz da Silveira.

Essa capitulação, porém, nada mais foi que um adiamento do vexame, que veio quatro annos depois mais aggravado para os opprimidos.

Em 18 de julho de 1719 um bando publicava a lei de 11 de fevereiro de 1719, impondo prohibição absoluta, sob as mais graves penas, de correr o ouro em pó na capitania, devendo ser todo fundido e *quintado* nas casas de fundição.

Eis o que sobre esta medida diz o inolvidavel Xavier da Veiga em suas Ephemerides :

« Era uma prohibição tyrannica, mórmente num paiz vastissimo, como Minas Geraes, sem vias de communicacão, desprovido de moeda reguladora das permutas e adoptavel ás multiplas e quotidianas relações mercantis.

Além de tyrannico no seu modo de applicação, o novo regimen fiscal aggravava mais e mais a situação dos infelizes contribuintes ; porquanto aos 20 % do imposto, contribuição em si mesmo vexato-

ria, adicionavam-se novas porcentagens, já pela fundição, a pretexto de *purificação do ouro*, já sob o titulo suggestivo de *alfiades para a rainha*. E não levamos aqui em conta as gratificações ou «gorgetas» costumeiras dos empregados das casas de fundição, para lhes estimular a boa vontade. »

Contra tão oppressiva lei erguera-se o espirito de toda a capitania.

O proprio conde de Assumar o confessou depois em carta ao vice-rei que « todos os povos de Minas estavam de accordo na repulsa ás casas de fundição, formando nesse sentido um *partido universal na capitania*. » E em carta dirigida a D. João V assignala « o contentamento em que se achavam todos os povos das Minas, vendo que Ouro Preto descobria a cara a oppor-se ás casas de fundição. »

Tal era o estado dos espiritos, quando na meia noite de 28 de junho de 1720 explodiu a revolta do povo de Villa Rica, tendo á sua frente o mestre de Campo Paschoal da Silva Guimarães, Sebastião da Veiga Cabral, dr. Manoel Mosqueira Rosa, Frei Vicente Botelho, Frei Francisco de Mont'Alverne, João Ferreira Diniz, Thomé Affonso e Felippe dos Santos, o mais ardente de todos no empenho libertador.

Este, á frente de 2.000 homens, acampou na praça principal de Villa Rica. Desse acampamento foi enviado ao conde de Assumar, residente na Villa do Carmo, um manifesto exigindo-lhe prompto assentimento aos artigos que lhe eram impostos em nome do povo revoltado. Não dando o governador uma resposta decisiva e escripta « no dia 2 de julho, diz o padre Manoel Fonseca, marcharam os revoltosos de Ouro Preto formados ao Ribeirão, trazendo consigo, e obrigando ao seu regimento, os que encontravam, fazendo horrorosa a sua marcha com gritos, alaridos e vozes de « viva o povo ! » E mandando o conde general religiosos e sacerdotes que no alto do Rosario (ermida da entrada do Ribeirão) os detivessem com modo urbano e sem estrepito algum de ira, e monos de guerra, para o que mandou até o Senado da Camera desta villa com seu pendão arvorado e acompanhado dos homens bons da terra ; não bastou esta brandura e commedimento do conde general para pôr em razão ao povo.

« Chegaram enfim ao palacio, e ahí expuzeram publicamente o seu intento, e ás claras manifestaram a razão do motim — que era não quererem aceitar casa de fundição de quintos, como havia um anno que s. magestade a mandára erigir por lei nova, etc, etc. »

Tal foi a impressão de temor causada por essa formidavel massa de povo, que o governador deferiu um por um aos quinze artigos, capitulando deste modo com os revoltosos e deixando desmoralizado o poder publico que elle representava. Fôra estrondosa a victoria popular ; ella caracterizou a primeira avancada da democracia no Brasil.

Passado, porém, o primeiro momento, a bilis do despeito enfiou o governador, que, covarde deante da attitude heroica do povo, tinha no coração todos os sagrados da perfidia e do odio vingativo.

Pretextando que na embriaguez do presente exito, continuavam os chefes em revolta contra o governo real, por um movimento de serpente, colheu as principaes cabeças, fez devorar pelo incendio innumerables habitações, e com um simulacro de processo summario, fez executar Felippe dos Santos como o mais perigoso de todos e encarcerou ou desterrou os outros complicados.

Felippe dos Santos fôra o « braço e alma » desse movimento. « O mais diabolico homem que se pôde imaginar : — o agente por quem o povo se movia, e que fez cousas inauditas nos motins », dizia delle o governador em suas cartas a D. João V e ao vice-rei.

« Não se encontra sobre este homem interessante, diz Couto de Magalhães, noticia alguma pela qual se possa dizer qual fosse o logar de seu nascimento, quem seus parentes, quaes os antecedentes de sua vida. Pelo que diz o governador e pela punição que depois elle sofreu, vê-se que era um desses homens excepcionaes, que Deus envia sempre ao mundo, e que passam obscuros nas circumstancias ordinarias ; mas que, chegando as crises, deseuham-se de repente e crescem de um dia para outro, como si fossem auxiliados por uma potencia mysteriosa.

Em 16 de julho de 1720, depois de ter confessado de plano toda a parte que tivera no levante, era Felippe dos Santos atado á cauda de quatro animaes e arrastado e dilacerado, sendo os fragmentos do seu corpo dependurados em diversos postes.

Si os actos heroicos que praticou Felippe durante os dias agitados do movimento popular não fossem sufficientes para a revelação plena da sua alma superior de apostolo das multidões ; si a sua firmeza inabalavel e serenidade imperterrita confessando deante da justiça improvisada da colonia, a parte principal que tivera na conspiração e rebellião, já não bastassem para mostrar a fonda convicção em que se achava de haver cumprido um alto dever civico, a altivez com que encarou os preparativos cruéis de sua morte e o desdém olympico com que aguardou o seu supplicio selvagem, foi uma revelação fulgida de que Villa Rica assistia ao sacrificio quasi sobrenatural de um Titan da democracia.

Felippe dos Santos fôra, entretanto, executado sem justiça : ou antes, o conde de Assumar, sem alçada e sem jurisdicção e até sem delegação do governo da metropole, arvorou-se em juiz, para condemnar sem processo judicial.

Quem o diz é elle proprio em sua carta de 21 de julho de 1720 ao rei D. João V :

« Eu, senhor, bem sei que não tenho jurisdicção para proceder tão summariamente, e que não o podia fazer sem convocar os minis-

tros da comarca ; mas uma cousa é experimental-o e outra ouvi-o, porque o aperto era tão grande que não havia instante que perder. »

Um monstruoso assassinato, pois, que não se sabe bem a que attribuir mais, si á crueldade do coração do governador, si á timidez covarde do seu character na obsessão em que se achava da idéa de que o povo de Minas estava disposto a romper com a metropole e declarar-se livre e independente.

E tal se pode affirmar o estado psychologico do povo mineiro já naquelle tempo.

Eis o que dizia o governador em suas cartas :

« Ainda não houve motim nas Minas, dos muitos que se tem feito, que, por qualquer motivo que se intentasse, deixasse de levar a clausula de expulsar os governadores e os ministros ».

Outra passagem : « Na gente das Minas muitos têm por brio o entrar voluntariamente em motins ».

Outra : « Inveterado e sempre abominavel costume deste paiz onde se entende que ser trahidor aos disparates de um povo é muito maior crime que ser trahidor contra as leis e resoluções de vossa magestade. »

Outra finalmente : « Descobriu-se o intento no maior dos cabeças, que era formar uma republica neste governo, expulsando me delle e a todos os ministros d'el-rei, e não tornar a admittir nenhuns outros que se mandassem. »

Viavel ou inviavel, a organização de um governo republicano em Minas naquelle tempo, o certo é que a aspiração ahi estava eloquentemente manifestada neste grandioso movimento popular de Villa Rica, e na aureola de lendas com que é venerado o sobre-humano Felippe dos Santos, cuja ultima verba ao transpor os umbraes da immortalidade na historia, foi :

« Jurei morrer pela liberdade ; cumpro á minha palavra. »

Não era um simples visionario Felippe dos Santos. A estrella da nacionalidade brasileira já ia illuminando todo o scenario do paiz.

O Itacolomy não era mais que o poste elevado onde ella brilhava de perto com mais intenso fulgor. Por toda a colonia já circulava o sangue nacional, ainda enriquecido por novos elementos de vida.

O marquez de Pombal, portuguez de naturalidade, mas brasileiro por atavismo, suavizou a sorte dos indios, protegeu o commercio, criou a companhia do Grão Pará e Maranhão (1753) e a de Pernambuco e Parahyba (1769) ; favoreceu a navegação nacional, dando preferencia ás embarcações construidas no Brasil ; fundou o Tribunal da Relação no Rio de Janeiro (1755) ; creou o vice-reinado do Brasil (1763) ; engrandeceu a cidade do Pará, unificou as capitancias e extinguiu o regimen feudal da colonia.

Todas essas importantissimas medidas de que mau grado seu abriu mão a corôa portugueza em beneficio do Brasil são indice ma-

nifesto dos postulados insistentes com que a vida nacional expandia as suas necessidades e aspirações. Era a adolescência de nossa Pátria, que desabrochava como um cactus triumphante, ao calor ardente dos tropicos americanos.

Estes melhoramentos políticos e administrativos não eram, entretanto, mais que um pallido reflexo da aspiração democratica aberta no coração popular, onde ainda ecoavam as palavras propheticas do tribuno martyr Felipe dos Santos.

Estava preparado o scenario para a grandiosa epopéa da liberdade nacional; o sangue do precursor Felipe bradava por um Messias que do planalto mineiro, como Christo no sermão da Montanha, pregasse a todo o povo brasileiro o novo testamento da Republica.

O espirito da Pátria queria numa recapitulação solemne, numa synthese culminante, resumir a sua velha aspiração de liberdade e incorporar num homem só todo o martyrologio anterior, desde o indigena das selvas, arcabuzado pelos primeiros bandeirantes até aos ultimos heroes da autonomia local: seria esse homem esperado a encarnação-legenda desta parte da America, fóco radiante na historia onde os avos futuros viriam encontrar condensada toda força dynamica da liberdade nacional.

Este homem, já não ha duvida nenhuma, foi Tiradentes.

A psychologia que delle nos chegou pela tradição oral e pelos documentos, revela no mais alto grau o conjuncto das qualidades mores de um propagandista-heroe.

« Quando reflectia ou falava na situação da patria, vilipendiada e opprimida pelo jugo despótico da metropole, estremecia de emoção, afogueavam-se-lhe as faces, os olhos se-lhe injectavam e delles brotavam lagrimas de amargura... »

Mãe, ouvi ainda uma vez o depoimento de um adversario da Inconfidência e severo observador de Tiradentes nos seus ultimos momentos, frei Reymundo:

« Foi um daquelles individuos da especie humana que põem em espanto e mesma natureza. Enthusiasta com o afferro de um *quaker*, emprehendedor com o fogo de um D. Quixote, habilidoso com um desinteresse philosophico, affeito e destemido, sem prudencia ás vezes, e outras temeroso ao ruido da cahida de uma folha, mas o seu coração era bem formado. »

Mas esses traços descriptivos indicam uma organização dos typos superiores da civilização humana, uma alma sensível e delicada, um cerebro potente, servido por uma vontade que não conhece os sacrificios e ultrapassa as conveniencias e os commodos da vida.

Temerario? Também o foram os grandes reformadores. Só não o são os discipulos de Machiavel, que não procuram a verdade e o bem com os olhos do coração e sim com os da utilidade.

E' pois um prejuizo arbitrario, sem base na historia, attribuir-se a Tiradentes uma natureza rustica e um espirito leviano e apocado.

O depoimento de frei Raymundo de Penna Forte, pessoal e presencial, é de um valor inestimavel e deante delle nada valem as chronicas detractoras dos illustres historiadores conego Fernandes Pinheiro e Joaquim Norberto, que, em abono delias não se dignam indicar um só documento digno de valor daquelle testemunho, aliás corroborado pelas brilhantes provas circumstanciaes de todo o processo da « Inconfidência Mineira ».

O proprio Joaquim Norberto, no meio das injustiças com que procurou traçar o perill de Tiradentes, deixou escapar esta nota que é uma revelação:

« Tinha o dom da palavra, expressando-se com enthusiasmo. »

« Olhando em torno de si, previra o grandioso futuro da cidade do Rio de Janeiro, com a sua magnifica bahia propria para receber todos os navios do mundo, e no entanto fechada ao commercio pelo monopolio do governo colonial.

« Buscou emprehender a canalização dos rios Andarahy e Maracanhã, e bem assim a construção de trapiches, obras difficis e estupidas, cuja realização redundaria em proveito seu e do país. Tinha o plano por exequível e animou-se a falar sobre elle ao vice-rei Luiz de Vasconcellos e Souza; mas o vice-rei desprezou o sem saber que deixava a sua execução ao príncipe regente, depois d. João VI. »

Quem diz isto, senhores, é o illustre sr. Joaquim Norberto, por quem ficamos sabendo que Tiradentes não era sómente um patriota apaixonado, mas uma organização cerebral privilegiada, capaz de altas intuições de engenharia e da administração.

Vejamos em grandes linhas o que foi a maxima tragedia da liberdade.

A Minas Geraes donde a colhiça metropolitana extrahira cerca de 36.000 arrobas de ouro e mais de 330.000 oitavas de diamante, negara tudo o despotismo: agricultura, industria, instrucção e artes.

Lêde o quadro desolador, mas verídico, da Capitania de Minas traçado por Xavier da Veiga em suas Ephemerides, e dispensae-me de o reproduzir, correndo o risco de empallidecer a cor viva das tintas.

Foi atraz desse scenario negro que se tramou patrioticamente a conspiração libertadora, tendo á sua frente, além de Tiradentes, o seu maior vulto, homens de letras, militares, sacerdotes, fazendeiros, negociantes, artistas, emfim, representantes de todas as classes mais salientes da sociedade mineira, homens de grande nomeada e de alta reputação e responsabilidade.

Em diversas reuniões ficou assentado que a revolução rebentaria, mal fosse publicada a derrama para a cobrança dos quintos em atraso, cerca de seiscentas arrobas de ouro. A esse grito de liberdade seguir-se-ia a proclamação da independência nacional e da República, com a prisão do governador visconde de Barbacena, e do vice-rei.

Hastado o pendão do novo governo com o lema *libertas que sera lumen*, à sombra delle promulgar-se-hia a constituição da patria e desdobrar-se-iam importantissimas reformas, que todas foram objecto de reflectidas deliberações tomadas nos conselhos da conjuração.

Que bellos padrões legislativos e juridicos teriam esboçado as pennas magistraes dos Drs. Claudio Manoel da Costa e Gonzaga!

Nada lhes havia escapado para a erecção do *self-government*, recentemente adoptado na America do Norte, e que no espirito de Maciel deixara a mais funda impressão.

No momento mais flagrantemente da acção, Tiradentes bradaria ao povo—«ou vencer ou morrer!»— e a tropa, com o commandante Froure, fraternisaria com elle.

Aos conjurados faltou unicamente uma precaução essencial ao exito de todas as grandes causas.

Preocupados com a immensa reforma que planeavam, convictos de que a santidade da sua causa reuniria desde logo universaes adhesões, não se armaram contra a possibilidade dos falsos adherentes, e admitiram em seu seio Silverio dos Reis, que aliás jogou na «Inconfidencia» a sua sorte compromettida no real erario.

Foi elle a causa do desmoronamento da conjuração, que trahiu indignamente, mal advinhou que ella era suspeitada pelo Visconde de Barbacena.

A derrama foi suspensa, e os espiões e dragões iniciaram a sua faina.

Abriam-se as devassas, fecharam-se os carcereos sobre as cabeças principaes do movimento; alguns, como Claudio, foram antecipadamente executados.

Tiradentes é preso no Rio e confessa heroicamente o seu intuito politico, concebido desde o anno de 1788 e communicado a Maciel, recém-chegado da Europa.

Mas, preciso eu de rememorar todos os actos e scenas dessa tragedia, em que foi protagonista um dos martyres mais illustres de todos os tempos?

Preciso de reproduzir a sentença da Alçada proferida em 20 de abril de 1792, por encommenda do Alvará real de 15 de outubro de 1790?

Haverá necessidade de tornar saliente que, assim como em todos os planos de reforma social, politica e religiosa, ha sempre um

isariotes, um Lazaro de Mello, um Silverio dos Reis, em todas as grandes causas judiciaes, desde a de Christo até a de Alfredo Dreyfus' ha sempre os Pilatos e os Beaurepaires?

Os desembargadores da Alçada colonial não julgaram Tiradentes, condemnaram-se a si mesmos, glorificando-o para sempre, e o seu accordo como essas molduras da escola florentina, desenhando figuras diabolicas e infernaes, será o quadro immortal, em cujo centro resplandecerá, coroada de estrellas, a imagem do martyr.

A traição de Judas já prevista nas escripturas, não é maior que a inaudita fraqueza convencida e confessada de Pilatos.

Tiradentes teve na forca a sua cruz, e em falta de tunica para a partilha da soldadesca, cracu a eucharistia civica da Patria, com a distribuição dos fragmentos do seu corpo por diversos pontos da terra, por onde andou a sua palavra. E foi nessa communhão, que os fleis da democracia firmaram para sempre o pacto da alliança politica, o novo testamento do direito dos povos.

21 de abril de 1792 ficou nos fastos nacionaes como a data da consagração do proto martyr da independência nacional.

Eis o que sobre a situação do Brasil naquella epocha, diz Oliveira Martins:

«Menos feliz ao sul do que ao norte, onde puderam vingar os limites fixados pelo tratado de Utrecht, o Brasil, entretanto, apresentava no fim do XVIII seculo os elementos constitucionaes de uma nação; e as idéas de autonomia e liberdade começavam a amadurecer como fructos naturaes de uma arvore chegada ao periodo de fecundidade. Do centro ou coração do paiz sahira um grito de independência, breve afogado em sangue; os acasos da politica europeia atiraram com D. João VI e com os restos podres da nação portugueza para a America e logo souu por toda a costa do Pacifico a acclamação da independência nas colonias da Hespanha.

«Tudo se conjurava para a definição de uma autonomia já effectiva: já real nos factos. Desde que Portugal na Europa vivia á custa de um Brasil, não indio, mas europeu, força era que as condições politicas se invertessem, traduzindo de facto a realidade; Portugal era a colonia, o Brasil a metropole.

«Foi isto que a translação dos penates bragantinos para a America veio demonstrar. Fortuito, sob o ponto de vista do systema da historia brasileira, o caso da fuga de D. João VI para o Brasil, teve o merecimento de pôr em evidencia e de sancionar politicamente o facto de ordem social anterior: o Brasil era já uma nação e não foi D. João VI que lhe levou a carta de independência.»

No conceito do grande escriptor portuguez, a maxima prova da constituição organica do Brasil, é a sua fecundidade intellectual; porque brasileiros eram na maior parte os sabios e litteratos portuguezes de então; brasileiro Antonio José; Basilio da Gama, o auctor

do Uruguay ; Durão, o epico do *Caramuru* ; Gonzaga, o lyrico da *Merilla* ; Claudio, o cantor da *Villa Rica* ; os Alvarengas, Pereira Caldas e Moraes e Silva ; o jornalista Hypolito Costa ; Azevedo Coutinho, primeiro economista portuguez ; o geometra Villela Barbosa, o estadista Nogueira da Gama, o chimico Coelho de Seabra Concelção Velloso, auctor da *Flora Fluminense*, e Araujo Camara, companheiro das viagens de José Bonifacio.

Nada ha portanto de admirar que em 16 de dezembro de 1815, o emigrado principal D. João VI outorgasse os fóros de reino ao Brasil ; nada de admirar que, trabalhando *pro domo sua*, trouxesse anteriormente da metropole abandonada para o novo imperio, donde desafiava os francezes de Bonaparte, a *Academia dos Guardas Marinhas* ; creasse a *Academia de Economia Poltica*, o *Archivo Central*, a *Imprensa Regia*, a *Fabrica de Polvora*, a *Academia Militar*, as *Escolas Cirurgicas* da Bahia e do Rio de Janeiro, a *Academia de Bellas Artes* ; iniciasse a *Bibliotheca Real* ; fundasse a *Escola Real de Sciencias, Artes e Officios*.

Nada de admirar que, duvidoso da firmeza do terreno americano, para onde transplantara o throno carcomido de Bragança, abrisse os portos ao estrangeiro, procurando na communhão diplomatica das potencias, nas trocas do commercio cosmopolita e sobretudo nas relações dynasticas, encontrar o vigor para sustentar a sua auctoridade e politica interna. Nada disso escapou á finura e perspicacia dos estadistas, homens realmente notaveis, que formavam o seu conselho de ministros.

E tinham razão os estadistas portuguezes, porque no dia 6 de março de 1817, levantou-se de Pernambuco um brado republicano, e esse brado repercutia na Parahyba, Rio Grande do Norte e Alagoas ; as alheas coroaram a proclamação erguida pelo capitão Pedro da Silva Pedreso. Elegou-se um governo provisório em Pernambuco e em cada uma dessas tres provincias, no dizer de um illustre chronicista, creou-se exercito e armada para defesa da patria, inutilisaram-se as coroas portuguezas, aboliu-se o tratamento de excellencia, sendo substituido pelo fraternal—vós—patriota : estabeleceram-se novas bandeiras para a republica, que foram bentas e distribuidas com toda a solemnidade no Campo da Honra, antigo campo do Palacio Velho, publicaram-se decretos, etc.

Não se pode, porém, manter a nova Republica : a falta de recursos dos revolucionarios em contraste com os meios fartos monopolizados pelo governo de D. João VI obrigou-os e entregou-os nas mãos do despotismo.

Na Bahia foram fuzilados : Domingos José Martins, padre Roma, José Luiz Mendonça e o padre Miguel Joaquim de Almeida Castro.

Em Pernambuco, Domingos Theotônio Jorge e mais oito companheiros.

No Rio Grande do Norte, foi assassinado o coronel André de Albuquerque Maranhão.

Mas, basta de sangue. Para a rega da liberdade já está o sólo da patria mais que ensopado.

A nação quer, exige e reclama a sua emancipação. A metropole já lhe deu muito, para que a não perdesse : mas não lhe pode dar tudo, porque a conserva sujeita sob o despotismo politico.

Pois bem ; a patria ha de arrancar a sua independencia com a cumplicidade das ambições do seu proprio tyranno.

Que venha essa independencia, mas no trazida por uma croa aventureira : ella sera mais tarde purificada no fogo da democracia pura.

Mas aqui termina a minha missão.

Outros dirão que curso tomou esse rio de sangue dos martyres da liberdade, e que fructo deu essa arvore, cuja raiz bebeu sua melhor seiva na heroica terra de Minas Geraes.